

JONATHAN
SWIFT
Viagens de Gulliver

Tradução de
PAULO HENRIQUES BRITTO

Prefácio de
GEORGE ORWELL

Organização, introdução e notas de
ROBERT DEMARIA JR.

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © Robert DeMaria Jr.
Copyright da tradução © 2010 by Paulo Henriques Britto
Copyright da tradução do prefácio © 2010 José Antonio Arantes
Copyright do prefácio © The Estate of the late Sonia Brownell Orwell

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Gulliver's Travels

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Carlos Alberto Bárbaro

REVISÃO
Marise Leal
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swift, Jonathan, 1667-1745.

Viagens de Gulliver / Jonathan Swift; organização, introdução e notas Robert DeMaria Jr.; tradução Paulo Henriques Britto; tradução do prefácio José Antonio Arantes; prefácio George Orwell. — São Paulo : Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Título original: Gulliver's travels.

ISBN 978-85-63560-12-4

1. Ficção inglesa — Escritores irlandeses 1. DeMaria Junior, Robert. II. Orwell, George 1903-1950. III. Título.

10-12695

CDD-823.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa em inglês 823.91

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (011) 3707-3500 Fax: (011) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Ilustrações	8
Política versus literatura: uma análise de <i>Viagens de Gulliver</i> — George Orwell	9
Introdução — Robert DeMaria Jr.	35
Nota sobre o texto	55

VIAGENS DE GULLIVER

<i>Notas</i>	409
<i>Notas textuais</i>	434
<i>Outras leituras</i>	443

ILUSTRAÇÕES

1. Retrato do frontispício
2. Folha de rosto da primeira edição
3. Mapa de Lilipute e Blefuscu
4. Mapa de Brobdingnag
5. Mapa de Laputa e ilhas vizinhas
6. Mapa de Balnibarbi
7. Máquina de escrever livros da Academia de Lagado
8. Mapa da Terra dos Houyhnhnms

Todas as ilustrações foram reproduzidas de uma cópia da primeira edição (1726) em folhas grandes, cedida pela Pierpont Morgan Library, Nova York (PML 15810).



Sturte, Sheppard.Sc.

Captain Lemuel Gulliver, of
Redriff Aetat. suæ 58.

VIAGENS

Primeira parte — viagem
a Lilipute

Hogs I

P Mintion

I Good Fortune

I Naffow

SUNDA

Sillabar

Straits of Sunda



Blefufcu

Lilliput.

Mordor

Discovered, A.D. 1699.



Diamond Land.

I

O Autor dá alguma Notícia de si próprio e sua Família, seus primeiros Incentivos para as viagens. Sofre um Naufrágio, e salva-se nadando até a costa da Terra de Lilipute, é feito prisioneiro e levado para o Interior.

Meu Pai possuía uma pequena Propriedade em *Nottinghamshire*; era eu o Terceiro de cinco Filhos varões. Ele fez-me estudar no *Emanuel College* de *Cambridge*¹ aos catorze anos de idade,² e lá residi por três anos, aplicando-me com afincos aos Estudos: mas sendo o Custo dessa minha estada (ainda que fosse mui parca minha Mesa-da) excessivo para a escassa Fortuna de meu pai, fui feito Aprendiz do Sr. *James Bates*, um eminente Cirurgião³ de Londres, com quem permaneci por quatro anos; e as pequenas quantias que meu Pai me enviava de quando em vez, empreguei-as no aprendizado da Navegação, e de outras partes das Matemáticas que são úteis para aqueles que tencionam viajar, o que sempre julguei ser meu destino mais cedo ou mais tarde. Quando me despedi do Sr. *Bates*, voltei para junto de meu Pai; onde, com a ajuda dele e do meu Tio *John*, e de alguns outros Parentes, muni-me de quarenta Libras, e a Promessa de trinta Libras por ano para meu sustento em *Leiden*:⁴ lá estudei Medicina por dois anos e sete meses, sabendo que isso me havia de ser útil nas Viagens mais demoradas.

Pouco após meu regresso de *Leiden*, fui recomendado pelo meu bom mestre, o Sr. *Bates*, para o posto de Cirurgião do *Swallow*, comandado pelo Capitão *Abraham Pannell*; com o qual permaneci por três anos e meio, fazendo uma ou duas viagens ao Levante,⁵ e outras Regiões. Ao voltar, decidi residir em *Londres*, no que fui estimulado pelo Sr. *Bates*, meu Mestre, o qual me recomendou a diversos Pacientes. Fui morar numa pequena Casa em *Old Jury*,⁶ e sendo aconselhado a mudar de Estado Civil, casei-me com a Sra. *Mary Burton*,⁷ segunda filha do Sr. *Edmond Burton*, negociante de meias, estabelecido na *Newgate Street*, de quem recebi quatrocentas libras de Dote.⁸

Porém, vindo a falecer meu bom Mestre *Bates* dois anos depois, e dispondo eu de poucos Amigos, meus Negócios entraram em crise; pois não permitia minha Consciência que eu imitasse as Práticas de muitos dos meus Colegas de Ofício. Tendo, pois, consultado minha Esposa, e alguns de meus Conhecidos, decidi retornar ao Mar. Atuei como Cirurgião sucessivamente em dois Navios, e fiz diversas Viagens, por seis anos, às *Índias Orientais* e *Ocidentais*, e pude assim aumentar um pouco minha Fortuna. Minhas horas de Lazer, eu as dedicava à leitura dos melhores Autores, antigos e modernos, sempre provido de boa cópia de Livros; e, estando em terra firme, à observação das Maneiras e Inclinações dos Povos, bem como aprendendo suas Línguas, valendo-me da grande facilidade que me proporcionava minha potente Memória.

Não tendo sido muito proveitosa a última dessas Viagens, enfadei-me com o Mar, e decidi ficar em casa com minha Esposa e minha Família. Mudei-me de *Old Jury* para *Fetter Lane*, e de lá para *Wapping*,⁹ na esperança de encontrar Clientes entre os Marinheiros; mas não tive sucesso. Após três anos à espera de que as coisas melhorassem, aceitei uma Proposta vantajosa feita pelo Capi-

tão *William Prichard*, Comandante do *Antelope*, que seguia para os *Mares do Sul*. Partimos de *Bristol* em 4 de maio de 1699, e nossa viagem foi de início mui lucrativa.

Não seria conveniente, por mais de um Motivo, enfadar o Leitor com Detalhes referentes às nossas Aventuras naqueles Mares: bastará dizer que em nossa Viagem de lá para as *Índias Orientais* uma Tempestade violenta nos levou para noroeste da *Terra de Van Diemen*.¹⁰ Verificamos estar na Latitude de 30 graus e 2 minutos Sul. Doze dos Homens de nossa Equipagem haviam morrido por excesso de Trabalho e má Alimentação, e os sobreviventes estavam mui debilitados. No dia 5 de *Novembro*, que naquelas Plagas é o início do Verão, havendo uma Névoa mui espessa, os Marinheiros divisaram um Rochedo, a meio cabo¹¹ de distância do Navio; porém era tão forte o Vento que fomos impelidos diretamente para ele, e de imediato a Nau se partiu. Seis Homens, sendo eu um deles, tendo tomado um Escaler, esforçávamo-nos para evitar uma colisão com o Navio e o Rochedo. Remamos, segundo calculo, por cerca de três léguas,¹² até não podermos mais, por já estarmos exauridos do tanto que havíamos trabalhado ainda no Navio. Portanto nos entregamos à Mercê das Ondas, e em cerca de meia hora o Barco foi adernado por uma súbita Rajada do Norte. Que fim levaram meus Companheiros do Barco, bem como os que escaparam no Rochedo, ou que ficaram no Navio, não sei dizer; concludo, porém, que todos se perderam. Quanto a mim, nadei conforme quis a Fortuna, e empurraram-me para a frente o Vento e a Maré. De vez em quando eu deixava as Pernas afundarem, e elas não tocavam o fundo: mas estando nas minhas últimas forças, incapaz de continuar a lutar, percebi que finalmente dava pé; e a essa altura a Tempestade em muito já havia amainado. A Declividade era tão pouca, que caminhei quase uma milha¹³ até chegar à praia, quando calculei ser por volta de oito horas da noite. Em seguida, avancei

quase meia milha em terra, mas não consegui encontrar nenhum sinal de Casas ou Habitantes; ou, ao menos, tal era minha Fraqueza que nada vi. Eu estava extremamente cansado, e por esse motivo, e pelo Calor que fazia, e por conta de cerca de meio quartilho¹⁴ de Aguardente que havia bebido antes de sair do Navio, sentia-me bem inclinado a dormir. Deitei-me na Grama, que era mui curta e macia, e dormi o sono mais profundo que jamais dormi em toda minha vida, e creio que por mais de nove horas; pois quando despertei, o Dia acabava de raiar. Tentei levantar-me, mas não consegui me mexer: pois, estando eu em decúbito dorsal, vi que meus Braços e Pernas estavam fortemente atados ao Chão de ambos os lados; e meus Cabelos, que eram longos e fartos, estavam amarrados da mesma maneira. Sentia também diversas Ligaduras em torno de meu Corpo, dos Sovacos até as Coxas. Só podia olhar para cima, o Sol começava a esquentar, e a Luz magoava-me a Vista. Ouvi um Ruído confuso a meu redor, mas na posição em que estava não via nada além do Céu. Depois de algum tempo senti que alguma coisa viva caminhava sobre minha Perna esquerda, e avançava pouco a pouco sobre meu Peito, chegando quase até meu Queixo; quando então, voltando os Olhos para baixo tanto quanto pude, vi que era uma Criatura humana com menos de seis polegadas¹⁵ de altura, com um Arco e uma Flecha nas mãos, e uma Aljava nas Costas. Nesse ínterim, senti pelo menos outras quarenta da mesma espécie (calculava eu) seguindo os passos da primeira. Era enorme minha Perplexidade, e gritei tão alto, que todas elas voltaram correndo, assustadas; e algumas, como me foi dito depois, feriram-se ao saltarem de minhas Ilhargas para o Chão. Logo, porém, voltaram, e uma delas, que se aproximou a ponto de poder olhar meu Rosto de frente, levantando as Mãos e os Olhos num gesto de Espanto, exclamou com uma Voz estridente, porém nítida: *Hekiná Degul*:¹⁶ os outros re-

petiram a mesma Expressão várias vezes, porém eu lhe não atinava com o Significado. Durante todo esse tempo, como o Leitor há de acreditar, eu estava mui assustado: por fim, esforçando-me para me libertar, consegui romper os Fios, e arrancar as Cavilhas que prendiam ao Chão meu Braço esquerdo; pois, ao levantá-lo até a altura do Rosto, descobri os Métodos que haviam usado para me atar; e, ao mesmo tempo, com um Tirão violento, que me causou uma Dor terrível, pude afrouxar um pouco os Fios que me fixavam os Cabelos do lado esquerdo, de modo que pude virar a Cabeça umas duas polegadas. Mas as Criaturas fugiram correndo outra vez, antes que eu pudesse agarrá-las; quando então ouvi um Grito alto num Tom mui estridente, e depois que ele cessou, ouvi uma delas exclamar bem alto: *Tolgo Fonac*; e no instante seguinte senti mais de cem Flechas cravarem-se na minha Mão esquerda, que me espetaram como se foram tantas Agulhas; e além disso lançaram mais outras para o alto, como fazemos com as Bombas na *Europa*, muitas das quais, imagino, caíram em meu Corpo (mas não as senti) e outras atingiram-me no Rosto, o qual cobri de imediato com a Mão esquerda. Finda essa Chuva de Flechas, caí gemendo de Sofrimento e Dor, e então, como eu novamente me esforçasse para me libertar, as Criaturas lançaram mais uma Torrente, maior que a primeira, e algumas delas tentaram atacar-me as Ilhargas com Lanças; por sorte, porém, eu estava usando um Gibão de Couro de Búfalo, que elas não puderam perfurar. Julguei que o mais prudente era ficar deitado sem me mexer, e resolvi que assim ficaria até que anoitecesse, quando então, estando minha Mão esquerda já solta, eu conseguiria com facilidade libertar-me: e quanto aos Habitantes, tinha eu motivos para me crer capaz de enfrentar o maior dos Exércitos que eles pudessem convocar contra mim, se fossem todos do tamanho daquele que eu vira. Porém quis a Fortuna que as coisas

se dessem de outro modo. Quando as Pessoas observaram que eu estava imóvel, pararam de lançar Flechas: mas como o Rumor aumentasse, compreendi que elas eram mais e mais numerosas; e a cerca de quatro jardas¹⁷ de mim, junto a meu Ouvido direito, ouvi um martelar que perdurou por mais de uma hora, como se fossem Homens trabalhando; quando virei a Cabeça para aquele lado, até onde me permitiam as Cavilhas e Fios, vi um Tablado sendo construído, com cerca de um pé e meio¹⁸ de altura, capaz de sustentar quatro dos Habitantes, com duas ou três Escadas para nele subir: e de lá um deles, que parecia ser uma Pessoa de distinção, dirigiu-me um prolongado Discurso, do qual não compreendi sequer uma Sílabas. Porém devia eu ter dito que, antes de começar sua Oração, a Pessoa importante exclamou três vezes *Langro Dehul san* (essas Palavras, bem como as anteriores, me foram repetidas e explicadas posteriormente). Então de imediato vieram cerca de cinquenta Habitantes, e cortaram os Fios que me prendiam o lado esquerdo da Cabeça, e assim pude virá-la para a direita, e ver a Figura e os Gestos da Pessoa que se preparava para falar. Parecia ser de meia-idade, e mais alto do que os outros três que o assistiam, um dos quais era um Pajem que lhe segurava a Cauda do Manto, e parecia um pouco mais longo que meu Dedo médio; os outros dois colocaram-se um a cada lado dele, para lhe dar apoio. Ele agia de todos os modos como um Orador, e pude perceber em sua Fala muitas expressões de Ameaças, e também outras de Promessas, Piedade e Benevolência. Respondi com poucas Palavras, mas do modo mais submisso, levantando a Mão esquerda e os Olhos para o Sol, como se o convocasse como Testemunha; e estando quase morto de Fome, não havendo comido coisa alguma desde horas antes de abandonar o Navio, eram tão fortes as Exigências da Carne em mim que não pude conter minha Impaciência (talvez transgredindo as Re-

gras da Decência) e levei o Dedo repetidas vezes à Boca, para indicar que eu queria comer. O *Hurgo* (pois é esse o nome que eles dão a um grão-Senhor, como depois me foi dito) compreendeu-me muito bem. Desceu do Tablado, e mandou que várias Escadas fossem colocadas a meu lado, e nelas mais de cem Habitantes subiram, e caminharam até minha Boca, trazendo Cestas cheias de Comida, que haviam sido fornecidas e para lá enviadas por Ordem do Rei, tão logo foi ele informado de minha existência. Observei que continham a Carne de vários animais, mas não pude distingui-los pelo Sabor. Havia Quartos, Pernis e Lombos, que pela forma lembravam os de um Carneiro, e eram mui bem temperados, sendo porém menores que as Asas de uma Cotovia. Comi essas Carnes duas ou três a cada Bocado, e três Pães a cada vez, sendo os Pães mais ou menos do tamanho de Balas de Mosquete. Deram-me o que puderam me dar, com mil Sinais de espanto e maravilhamento diante do meu Volume e Appetite. Fiz um outro Gesto indicando que queria beber. Pelo quanto eu tinha comido, perceberam que uma pequena quantidade não haveria de saciar-me, e sendo sobremaneira engenhosos, com muita Destreza alçaram um dos maiores Tonéis de que dispunham, e em seguida fizeram-no rolar em direção a minha Mão, e arrancaram-lhe a Tampa; bebi-o de um só Gole, o que não era de admirar, pois não chegava a conter meio quartilho, e o gosto era de Vinho fraco de *Borgonha*, porém mais delicioso. Trouxeram-me um segundo Tonel, que bebi do mesmo modo, e fiz Sinal de que queria mais, porém mais não tinham para me trazer. Tendo eu praticado esses Feitos maravilhosos, eles gritaram de Júbilo, e dançaram sobre meu Peito, repetindo várias vezes, tal como antes: *Hekiná Degul*. Indicaram com Gestos que eu jogasse para baixo os dois Tonéis, porém primeiro avisaram as Pessoas para que se afastassem, gritando: *Borach Mivola*, e quando viram os Tonéis no

Ar, ouviu-se um Brado universal de *Hekiná Degul*. Confesso que muitas vezes senti-me tentado, enquanto eles andavam de um lado para o outro sobre meu Corpo, a agarrar Quarenta ou Cinquenta dos que estivessem ao meu alcance e lançá-los no Chão. Porém a lembrança do que eu havia sentido, que provavelmente não era o pior de que eles eram capazes, e a Palavra de Honra que eu lhes dera, pois assim eu interpretava meu próprio Comportamento submisso, em pouco tempo expulsou tais Pensamentos. Ademais, eu agora julgava-me comprometido pelas Leis de Hospitalidade com um Povo que me concedera Desvelos tão dispendiosos e suntuosos. No entanto, em meu Íntimo não cessava de espantar-me da Intrepidez daqueles Mortais tão pequeninos, que ousavam subir em meu Corpo e andar por ele, enquanto uma de minhas Mãos estava livre, sem tremer diante da visão de uma Criatura tão prodigiosa como eu decerto havia de lhes parecer. Após algum tempo, quando observaram que eu não pedia mais Comida, apareceu diante de mim uma Pessoa de alto escalão enviada por sua Majestade Imperial. Tendo subido pela minha Canela direita, sua Excelência avançou até meu Rosto, juntamente com uma Comitiva de mais de dez Pessoas. E apresentando suas Credenciais sob o Sinete Real, aproximando-os de meus Olhos, falou por cerca de dez minutos, sem qualquer sinal de Ira, porém com uma espécie de Determinação firme; apontando amiúde numa Direção que, como depois me foi dito, era a da Metrópole, a cerca de meia milha dali, pois sua Majestade em Conselho havia decidido que para lá deveria eu ser levado. Respondi com poucas Palavras, mas de nada isso adiantou, e fiz um Sinal com a Mão que estava solta, levando-a até a outra (porém passando bem acima da Cabeça de sua Excelência, para não machucar sua Pessoa ou as de seus Seguidores) e depois indicando minha Cabeça e meu Corpo, querendo dizer que eu desejava minha Liberdade. Ele pareceu en-

tender-me muito bem, pois balançou a Cabeça em desacordo e levantou a Mão num Gesto cujo significado era que eu devia ser levado como Prisoneiro. Porém, fez outros Sinais para me fazer entender que eu teria Comida e Bebida suficiente, e seria muito bem tratado. Nesse momento, mais uma vez pensei em romper minhas Amarras; contudo, sentindo as pontadas de suas Flechas no Rosto e nas Mãos, que estavam cobertos de Bolhas, sendo que muitas das Setas continuavam espetadas em minha Carne, e observando também que o número de meus Inimigos aumentava, fiz Sinal de que eles poderiam lidar comigo do modo que bem entendessem. Ao ouvir isso, o *Hurgo* e seu Séquito se afastaram, com muita Civilidade e Semblantes mui alegres. Pouco depois ouvi uma Gritaria geral, com frequentes repetições das Palavras *Peplon Selam*, e senti que um grande Número de Pessoas ao meu lado esquerdo estava afrouxando as Amarras a tal ponto que pude me virar para a direita, e urinar; o que fiz com muita abundância, para grande espanto da Multidão, a qual, compreendendo ao ver meus Movimentos o que eu estava prestes a fazer, de imediato abriram alas para a esquerda e direita daquele lado para evitar a Torrente que partiu de mim, com tanto estrépito e violência. Mas antes disso, untaram-me o Rosto e ambas as Mãos com uma espécie de Unguento de Odor muito agradável, que em poucos minutos fez passar o ardor das Flechas. Essas Circunstâncias, bem como o Conforto que me proporcionaram o Alimento e Bebida que me deram, os quais eram sobremodo nutritivos, me fizeram adormecer. Dormi por cerca de oito horas, como me foi dito depois; o que não era de admirar, pois os Médicos, por ordem do Imperador, haviam misturado uma Poção para dormir com o Vinho dos Tonéis.

Ao que parecia, tão logo fui encontrado dormindo no Chão após minha Chegada, o Imperador foi incontinente avisado do ocorrido por um Mensageiro, e decidiu-se

em Conselho que eu seria amarrado do modo como descrevi (o que se fez durante a Noite enquanto eu dormia), que grande cópia de Comida e Bebida me fosse enviada, e que se preparasse uma Máquina para me transportar até a Metrôpole.

Tal Decisão pode talvez parecer mui temerária e perigosa, e estou certo de que não seria imitada por nenhum Príncipe europeu em Ocasões semelhantes; a meu ver, porém, foi extremamente prudente, tanto quanto generosa. Pois se aquelas Pessoas tivessem decidido matar-me com suas Lanças e Flechas enquanto eu dormia, decerto eu teria despertado ao sentir as primeiras Aguilhoadas, as quais talvez houvessem também atado minha Raiva e minhas Forças, permitindo que eu rompesse os Fios com que estava amarrado; depois do quê, como não seriam capazes de oferecer Resistência, não poderiam esperar de minha parte nenhuma Misericórdia.

Aquelas Pessoas são exímias Matemáticas, e atingiram uma grande perfeição na Mecânica com o estímulo e o incentivo do Imperador, que é um renomado Patrono do Saber. Esse Príncipe dispõe de diversas Máquinas dotadas de Rodas para o transporte de Árvores e outros grandes Pesos. Com frequência ele constrói suas maiores Naus de Guerra, algumas das quais chegam a nove pés de comprimento, nos Bosques onde crescem as Árvores, e nessas Máquinas transporta-as até o Mar, a trezentas ou quatrocentas jardas de distância. Quinhentos Carpinteiros e Engenheiros foram de imediato postos para trabalhar na construção da maior Máquina que eles jamais possuíram. Era uma Estrutura de Madeira a três polegadas de altura do Chão, com cerca de sete pés de comprimento e quatro de largura, posta sobre vinte e duas Rodas. O Grito que ouvi assinalou a chegada dessa Máquina, creio que quatro horas após ter eu dado à costa. A Máquina foi posta em posição paralela a meu Corpo. O mais dificultoso, porém, foi elevar-me e colo-

car-me em cima do Veículo. Oitenta Estacas, cada uma de um pé de altura, foram erigidas com este fim, e Cordas mui fortes, da espessura de um Barbante, foram afixadas com Ganchos a muitas Faixas, que os Operários haviam atado em torno de meu Pescoço, minhas Mãos, meu Corpo e minhas Pernas. Novecentos dos Homens mais fortes foram empregados para puxar essas Cordas, as quais passavam por Roldanas afixadas nas Estacas, e assim em menos de três horas fui içado e posto nessa Máquina, e a ela muito bem amarrado. Tudo isso me foi relatado depois, pois no decorrer de toda essa Operação estava eu mergulhado em sono profundo, por efeito daquela Mezinha soporífera misturada à minha bebida. Mil e quinhentos dos maiores Cavalos do Imperador, cada um deles com cerca de quatro polegadas e meia de altura, foram utilizados para me puxar até a Metrópole, a qual, como já disse, ficava a meia milha dali.

Cerca de quatro horas após o início de nossa Jornada, fui despertado por um acidente muito ridículo; pois quando a Carroça se deteve por um momento para ajeitar algo que estava fora do lugar, dois ou três dos jovens Nativos, curiosos para ver como eu era quando dormia, subiram na Máquina, e andando mui delicadamente até meu Rosto, um deles, um Oficial da Guarda, enfiou a ponta aguçada de sua Meia-Lança bem fundo em minha Fossa Nasal esquerda, o que teve o efeito de me fazer cócegas como se fosse uma Palha, e provocou um Espirro violento: em razão disso os dois escapuliram sem ser vistos, e foi só três semanas depois que fiquei sabendo por que despertei de modo tão súbito. Fizemos uma longa Jornada pelo resto Daquele dia, e descansamos à Noite com quinhentos Guardas a cada lado de mim, metade deles munidos de Archotes, e metade com Arcos e Flechas, prontos para disparar se eu tentasse me mexer. Na Manhã seguinte, ao nascer do Sol, continuamos nossa Viagem, e chegamos a duzentas jardas dos Portões da

Cidade por volta do meio-dia. O Imperador, com toda a sua Corte, veio nos receber, mas seus altos Oficiais de modo algum permitiram que sua Majestade corresse o risco de subir em meu Corpo.

No lugar em que parou a Carroça havia um Templo antigo, considerado o maior de todo o Reino, o qual, tendo sido conspurcado alguns anos antes por um Assassinato desumano,¹⁹ passou a ser visto, devido ao zelo daquela gente, como profanado, e portanto ficou sendo utilizado para outros fins, tendo sido levados de lá todos os Ornamentos e Móveis. Era naquele Prédio que eu deveria ficar. O grande Portão voltado para o Norte tinha cerca de quatro pés de altura, e quase dois de largura, sendo para mim fácil nele entrar de gatinhas. A cada lado do Portão havia uma pequena Janela a no máximo seis polegadas do Chão: pela Janela do lado esquerdo, os Ferreiros do Rei fizeram entrar noventa e uma Correntes, semelhantes àquelas que as Damas na *Europa* usam para pendurar seus Relógios, e quase do mesmo tamanho que elas, as quais foram presas à minha Perna esquerda com trinta e seis Cadeados. Defronte a esse Templo, do outro lado da grande Avenida, a uma distância de vinte pés, havia um Torreão com no mínimo cinco pés de altura. O Imperador, acompanhado de muitos dos principais Senhores de sua Corte, subiu nesse Torreão a fim de ter uma oportunidade de me ver, segundo me foi dito, pois não podia eu vê-los. Calculou-se que cerca de cem mil Habitantes vieram da Cidade com o mesmo fim; e apesar da presença de meus Guardas, creio que no mínimo dez mil, em diversas ocasiões, subiram em meu Corpo com a ajuda de Escadas. Porém logo foi promulgado um Decreto proibindo tal prática, sob pena de Morte. Quando os Operários verificaram que era impossível para mim me libertar, cortaram todos os Fios que me atavam; então me levantei, presa da maior Melancolia que jamais senti em minha vida. Mas o estré-

pito e a perplexidade das Pessoas ao me verem levantar e caminhar são impossíveis de descrever. As Correntes presas à minha Perna esquerda tinham cerca de duas jardas de comprimento, e não apenas permitiam-me caminhar para a frente e para trás num Semicírculo, como também, estando fixadas a cerca de quatro polegadas do Portão, deixavam que eu lá entrasse de gatinhas, e me deitasse sem me encolher no interior do Templo.

II

O Imperador de Lilipute, acompanhado de alguns Nobres, vem ver o Autor feito Prisioneiro. Descrição da Pessoa do Imperador e de seus Hábitos. Sábios são encarregados de ensinar ao autor o Idioma local. Ele cai nas boas graças por seu Temperamento afável. Seus Bolsos são revistados, e sua Espada e suas Pistolas são-lhe confiscadas.

Quando me vi em pé, olhei à minha volta e devo confessar que nunca antes vi Paisagem mais atraente. A Terra ali parecia ser um Jardim contínuo, e os Campos cultivados, geralmente com quarenta pés de lado, pareciam Canteiros de Flores. Esses Campos eram entremeados com Bosques de meio *stang*,²⁰ e as Árvores mais altas, segundo meus cálculos, pareciam ter sete pés de altura. Eu via a Cidade à minha esquerda, e ela parecia um Cenário pintado de uma Cidade num Teatro.

Nas últimas horas, eu me sentia premido pelas Necessidades da Natureza; o que não admirava, pois já quase fazia dois dias desde a última vez em que eu me aliviara. Estava eu dividido entre a Urgência e a Vergonha. A melhor Solução que pude encontrar foi entrar de gatinhas na minha Casa, o que fiz em seguida; então, fechando o Portão após entrar, fui até onde me permitia a extensão da Corrente, e lá liberei meu Corpo daquela Carga incômoda. Mas foi essa a única vez em que in-

corri numa Ação tão imunda; e só me resta esperar que o gentil Leitor me faça Justiça e me encare com certa compreensão, depois de examinar de forma madura e isenta a Situação aflitiva em que eu me encontrava. A partir desse dia, passei a desempenhar essa Ação, assim que despertava, ao ar livre, no ponto extremo a que minha Corrente me dava acesso, e antes que chegassem as Visitas, todas as manhãs a Substância asquerosa era despachada em Carrinhos de Mão, por dois Criados escolhidos para essa tarefa. Eu não teria me alongado de tal modo sobre um Assunto que à primeira vista talvez não pareça muito importante, se não julgasse necessário justificar meu Caráter perante o Mundo no que diz respeito à questão da Limpeza; pois me foi relatado que alguns de meus Detratores me têm criticado sob esse aspecto, a propósito dessa Ocasão e de outras.

Quando terminou essa Aventura, saí de minha casa, pois precisava de Ar fresco. O Imperador já havia descido da Torre, e aproximava-se a Cavalo, o que lhe poderia ter custado caro; pois o Animal, desacostumado a uma tal Visão, que era como se uma Montanha se movesse à sua frente, empinou-se: porém, o Príncipe em questão, que é um excelente Cavaleiro, manteve-se na Sela até chegarem seus Palafreiros, os quais vieram correndo e seguraram as Rédeas enquanto sua Majestade tinha tempo de desmontar. Feito isso, ele andou à minha volta, a examinar-me com muita Admiração, porém sempre mantendo-se fora do alcance da minha Corrente. Deu ordens a seus Cozinheiros e Mordomos, que já estavam a postos, de servir-me Comida e Bebida, as quais foram colocadas em Veículos com Rodas que foram empurrados até chegarem a meu alcance. Peguei os Veículos e em pouco tempo esvaziei-os a todos; vinte deles estavam cheios de Alimentos, dez de Bebida, sendo que cada um daqueles me proporcionava dois ou três bons Bocados, e esvaziei o conteúdo de dez Botijas de Barro dentro de

um dos Veículos, bebendo-o todo de um só Gole, e assim procedi com o resto. A Imperatriz, e jovens Príncipes de Sangue de ambos os Sexos, acompanhados de muitas Damas, assistiam a tudo sentados em Cadeiras a alguma distância dali; porém o Acidente ocorrido com o Cavalo do Imperador levou todos a se levantarem e se aproximarem de sua Pessoa, a qual agora passo a descrever. Ele é mais alto, por pouco menos que a largura de minha Unha, do que qualquer Membro de sua Corte, fato que por si só é o bastante para despertar Veneração em todos os que o veem. Suas Feições são fortes e másculas, com Lábios *Austríacos* e Nariz aquilino,²¹ Tez azeitonada, Porte ereto, Tronco e Membros bem-proporcionados, todos os Movimentos graciosos e uma Figura majestosa. Na época, já não era mais jovem, tendo vinte e oito anos e nove meses de idade, estando no trono havia cerca de sete anos, e reinando com muito Sucesso, quase sempre vitorioso. Para poder vê-lo melhor, deitei-me de lado, deixando meu Rosto paralelo ao seu, estando ele a apenas três jardas de mim. Porém, depois disso eu o tive muitas vezes em minha Mão, e portanto não tenho como enganar-me ao descrevê-lo. Seu Traje era muito simples e singelo, seguindo um Costume entre o *Asiático* e o *Europeu*; mas levava na Cabeça um leve Elmo de ouro, enfeitado com Joias, com uma Pluma no alto. Levava na Mão sua Espada, para se defender, se por acaso eu me soltasse; tinha ela quase três polegadas de comprimento, sendo o Punho e a Bainha de Ouro com Diamantes incrustados. Sua Voz era aguda, mas muito límpida e nítida, e eu a ouvia com clareza quando de pé. As Damas e Cortesãos trajavam todos Roupas magníficas, de modo que o Lugar onde eles estavam se afigurava a mim uma Anágua estendida no Chão, bordada com Estampas em Ouro e Prata. Sua Majestade Imperial falou muitas coisas a mim, e eu lhe respondi, mas nem eu nem ele entendíamos sequer uma Sílabas. Estavam presentes al-

guns de seus Sacerdotes e Advogados (ao que pude julgar com base em seus Trajes), os quais receberam ordem de se dirigirem a mim, e eu lhes falei em todas as Línguas das quais eu tinha o mais mínimo conhecimento, a saber, *Alemão e Holandês, Latim, Francês, Espanhol, Italiano e Língua Franca*;²² porém foi tudo em vão. Após cerca de duas horas a Corte se retirou, e fiquei acompanhado de uma Guarda bem armada, para impedir qualquer atitude desrespeitosa ou mesmo agressiva da Ralé, que com muita impaciência aguardava a hora de se aproximar de mim tanto quanto ousava, sendo que alguns tiveram a Impudência de atirar Flechas em minha direção, estando eu sentado no Chão ao lado da Entrada da minha Casa, e uma dessas Flechas por pouco não me atingiu o Olho esquerdo. Porém, o Coronel mandou que seis dos Cabeças dessas Desordens fossem detidos, e pareceu-lhe que não havia Castigo mais apropriado do que colocá-los amarrados em minhas Mãos, o que foi feito por alguns de seus Soldados, empurrando-os com os Cabos de suas Lanças até que eles estivessem ao meu alcance; peguei-os todos com a Mão direita e coloquei-os no Bolso da Jaqueta, e quanto ao sexto, fiz um Esgar como se me preparasse para devorá-lo vivo. O pobre Homem gritou de modo terrível, e o Coronel e seus Oficiais muito sofreram, principalmente quando me viram sacar meu Canivete: mas em pouco tempo tranquilizei-os, pois, com uma expressão amena, incontinentemente cortei os Fios com que ele estava amarrado, e delicadamente coloquei-o no chão, quando então ele saiu correndo; fiz o mesmo com os outros, tirando-os do Bolso um por um, e observei que tanto os Soldados quanto o Povo ficaram mui agradecidos diante dessa manifestação de Clemência, a qual em muito aumentou minha Estima entre a Corte.

Ao anoitecer, com certa dificuldade entrei em minha Casa, onde fiquei deitado no Chão, e assim continuei a fazer durante cerca de uma quinzena; entrementes,

o Imperador mandou preparar uma Cama para mim. Seiscentas camas de tamanho normal foram trazidas em Carroças, e levadas para dentro de minha Casa, cento e cinquenta dessas Camas foram costuradas juntas, no Comprimento e na Largura, sendo as outras colocadas por cima, perfazendo quatro Camadas, porém era parca a proteção que forneciam contra a dureza do chão, o qual era de pedra lisa. Obedecendo a Cálculo semelhante, proveram-me de Lençóis, Cobertores e Colchas, que proporcionavam um Conforto razoável a uma pessoa tão acostumada com Tribulações como eu.

À medida que a Notícia de minha Chegada se espalhava pelo Reino, um Número prodigioso de Pessoas ricas, ociosas e curiosas vinha me ver; tanto assim que as Aldeias quase se esvaziaram, e a Lavoura e os Assuntos domésticos teriam sido muito negligenciados, se sua Majestade Imperial não tivesse proclamado vários Éditos e Decretos contra tal Inconveniência. Ordenou ele que todos os que já me haviam contemplado voltassem para suas Casas, e que só se aproximassem a cinquenta jardas de minha Casa com uma Licença fornecida pela Corte, o que se tornou uma fonte de Renda considerável para os Secretários de Estado.²³

Nesse ínterim, o Imperador realizou diversos Conselhos para discutir o que deveria ser feito comigo; e posteriormente foi-me dito por um Amigo, uma Pessoa de alto Escalão, considerada uma das mais bem informadas a respeito dos Segredos de Estado, que a Corte se via diante de muitas Dificuldades com relação a mim. Temiam que eu me libertasse, que minha Alimentação fosse mui dispendiosa, e pudesse ocasionar a Fome no país. Chegaram a decidir matar-me de Fome, ou então disparar Flechas envenenadas em meu Rosto e em minhas Mãos, o que me mataria depressa. Porém ocorreu-lhes que o Fedor de um Cadáver tão imenso poderia provocar uma Peste na Metrópole, e quiçá espalhar-se por todo o Rei-

no. Em meio a essas Consultas, vários Oficiais do Exército foram até a Porta da Câmara do Conselho; e sendo dois deles admitidos ao Recinto, eles fizeram um relato do modo como eu me comportara para com os seis Criminosos mencionados acima, o que causou em sua Majestade e todo o Conselho uma Impressão tão favorável a mim, que uma Ordem Imperial foi proclamada, encarregando todas as Aldeias num raio de novecentas jardas em torno da cidade que entregassem a cada Manhã seis Bois, quarenta Carneiros e outros Alimentos para meu sustento; juntamente com uma Quantidade proporcional de Pão, Vinho e outras Bebidas: para o Pagamento do qual sua Majestade emitiu Cartas de Crédito sobre o Tesouro Real. Pois esse Príncipe sustenta-se principalmente com sua própria Renda, e somente em Ocasões especiais impõe Tributos a seus Súditos, que são obrigados a combater em suas Guerras custeando seus próprios Gastos. Também foi proclamada uma Ordem no sentido de que seiscentas Pessoas trabalhassem como meus Criados, recebendo Salários para seu Sustento, e foram erigidas Tendas para seu Alojamento num Sítio bem conveniente, nos dois lados da minha Porta. Além disso, trezentos Alfaiates foram designados para fazer Trajes para mim à Moda do País; seis dos maiores Estudiosos de sua Majestade foram escolhidos para me ensinar o Idioma local; por fim, decidiu-se que os Cavalos do Imperador, dos Nobres e da Guarda imperial seriam exercitados com frequência diante de mim, para que os Animais se acostumassem com a minha Pessoa. Todas essas Ordens foram cumpridas devidamente, e em cerca de três Semanas fiz grandes progressos no aprendizado da Língua; durante esse tempo, o Imperador muitas vezes me honrou com suas Visitas, aprazendo-se em auxiliar meus Professores a me ensinarem. Já conseguíamos conversar um pouco; e as primeiras Palavras que aprendi eram as que me permitiram manifestar meu desejo de que ele

me concedesse minha Liberdade, Palavras as quais eu repetia todos os dias de Joelhos. Sua Resposta, até onde eu podia compreendê-la, era que isso exigia Tempo, e não podia ser resolvido sem dar ouvidos ao Conselho, e que primeiro eu precisava *Lumos Kelmin pesso desmar lon Emposo*; ou seja, jurar Paz a ele e a seu Reino. No entanto, eu deveria ser tratado com muita Bondade, e ele aconselhava-me a conquistar através da Paciência, e de um Comportamento discreto, as boas Graças dele e de seu Povo. O Imperador pediu-me que não me ofendesse se ele desse a certos Oficiais apropriados Ordens de me revistar;²⁴ pois era possível que eu tivesse comigo algumas Armas, as quais decerto seriam perigosas, se fossem proporcionais a um Volume tão prodigioso quanto o meu. Respondi que sua Majestade teria sua Vontade atendida, pois eu estava disposto a despir-me e a esva-ziar meus Bolsos diante de seus olhos. Isso exprimi em parte com Palavras, em partes com Gestos. Ele respondeu que, segundo as Leis do Reino, era preciso que eu fosse revistado por dois de seus Oficiais; que ele sabia que isso não podia ser feito sem o meu Consentimento e minha Ajuda; ele tinha uma Opinião tão favorável sobre minha Generosidade e minha Justiça, que confiaria as Pessoas desses Oficiais a minhas Mãos: que o que quer que eles levassem de mim me haveria de ser devolvido quando eu partisse do País, ou então pago pelo Preço que eu estabelecesse. Tomei em minhas Mãos os dois Oficiais, coloquei-os primeiro nos Bolsos de minha Jaqueta, e depois em todos os outros Bolsos, exceto os dois junto ao Cós da Calça e um outro Bolso secreto que não queria eu que fossem mexidos, onde guardava alguns pequenos Pertences que só interessavam a mim. Num dos Bolsos do Cós havia um Relógio de Prata, e no outro uma pequena quantidade de Ouro numa Bolsa. Esses Cavalheiros, havendo trazido consigo Penas, Tinta e Papel, fizeram um Levantamento detalhado de tudo

que viram; e ao terminar pediram-me que os pusesse no Chão, para que pudessem entregar o Relatório ao Imperador. Esse Relatório foi por mim depois traduzido, e eis o seu Teor, palavra por palavra:

IMPRIMIS,²⁵ do Bolso direito da Jaqueta do *Grande Homem-Montanha* (pois é assim que interpreto as Palavras *Quinbus Flestrin*), depois de uma minuciosa investigação, encontramos apenas um enorme Pedaco de Pano grosseiro, grande o suficiente para ser usado como Tapete do principal Salão de Reuniões de sua Majestade. No Bolso esquerdo vimos um enorme Baú de Prata, com Tampo feito no mesmo Metal, que nós, Investigadores, não conseguimos levantar. Pedimos que fosse aberto, e um de nós, nele entrando, viu-se afundado até a altura do Joelho numa espécie de Pó, uma parte do qual chegando até nossos Rostos nos fez espirrar juntos várias vezes. No Bolso direito do Colete encontramos um Maço prodigioso de Substâncias brancas e finas, dobradas uma sobre a outra, mais ou menos do tamanho de três Homens, amarradas com um Cabo forte, e cobertas de Sinais negros; os quais humildemente consideramos que sejam Escritos, sendo cada Letra quase do tamanho da metade da Palma de uma de nossas Mãos. No esquerdo, havia uma espécie de Máquina, da parte de trás da qual se estendiam vinte Postes compridos, que lembram a Paliçada diante da Corte de vossa Majestade; conjecturamos que é por meio desta Máquina que o *Homem-Montanha* penteia seus Cabelos, pois nem sempre o importunamos com Perguntas, já que era mui dificultoso nos fazermos compreender. No Bolso grande do lado direito do seu Traje do meio (é assim que traduzo a Palavra *Ranfu-Lo*, com a qual se referem a minhas Calças) vimos um Pilar de Ferro oco, mais ou menos do comprimento de um Homem, afixado a um pedaço forte de Madeira, maior do que o Pilar; e num dos lados

do Pilar havia enormes Pedacos de Ferro espetados, formando Figuras estranhas, que não soubemos interpretar. No Bolso esquerdo, uma outra máquina do mesmo tipo. No bolso menor do lado direito havia alguns Pedacos redondos e chatos de um Metal branco e vermelho, de diferentes Tamanhos; alguns dos brancos, que pareciam ser de Prata, eram tão grandes e pesados que eu e meu Colega mal conseguimos levantá-los. No Bolso esquerdo havia dois Pilares negros de forma irregular: foi só com dificuldade que chegamos ao topo deles, pois estávamos no fundo do Bolso. Um deles estava coberto, e parecia inteiriço: mas na Extremidade superior do outro havia uma Substância branca redonda, duas vezes do tamanho de nossas cabeças. Dentro de cada uma delas estava encerrada uma prodigiosa Chapa de Aço; a qual, por Ordem nossa, ele foi obrigado a nos mostrar, por que temíamos que fossem Máquinas perigosas. Ele as tirou dos seus Estojos e nos disse que em seu País ele se barbeava com uma delas e cortava a Carne com a outra. Em dois Bolsos não pudemos entrar; são dois sacos grandes que se abrem no alto de seu traje do meio, porém são mantidos fechados pela pressão de seu ventre. Do da direita pendia uma grande Corrente de Prata, com uma Máquina maravilhosa no fundo. Dissemos-lhe que retirasse o que estava preso àquela Corrente; parecia ser um Globo, metade de Prata e metade de algum Metal transparente: pois no lado transparente vimos algumas Figuras estranhas de forma circular que julgamos poder pegar, só que nossos Dedos foram impedidos por aquela Substância lúcida. Ele encostou essa máquina em nossos ouvidos, e ela produzia um Ruído incessante, como uma Azenha. E imaginamos que seja ou bem algum Animal desconhecido, ou bem o Deus que ele adora: somos, porém, mais inclinados pela segunda opinião, pois ele nos garantiu (se o compreendemos bem, pois ele se exprimia de modo muito imperfeito) que quase nunca fazia nada

sem consultá-la. Ele disse que ela era seu Oráculo, e que determinava o Tempo de todas as Ações de sua Vida. Do Bolso esquerdo ele tirou uma Rede quase tão grande quanto as que são usadas pelos pescadores, porém feita de modo a ser aberta e fechada como uma Bolsa, sendo por ele utilizada com este fim: dentro dela encontramos alguns Pedacos pesados de um metal amarelo, que se forem ouro de verdade devem ter um valor imenso.

Tendo assim, cumprido as Ordens de vossa Majestade, tendo diligentemente examinado todos os Bolsos, encontramos uma Cinta em torno da Cintura feita com o Couro de algum Animal prodigioso; da qual, no lado esquerdo, pendia uma Espada do comprimento de cinco Homens; e, no lado direito, uma Bolsa dividida em dois Compartimentos, cada um deles grande o bastante para nele caberem três dos Súditos de vossa Majestade. Num desses Compartimentos havia diversos Globos ou Bolas de um metal mui pesado, mais ou menos do tamanho de uma de nossas cabeças, que só podiam ser levantados por uma mão forte: no outro havia uma pilha de Grãos negros, nem muito grandes nem muito pesados, pois pudemos segurar mais de cinquenta deles nas Palmas de nossas Mãos.

Este é um Levantamento exato do que encontramos no Corpo do *Homem-Montanha*, que nos tratou com a maior Civilidade e com o devido Respeito pelas Ordens de vossa Majestade. Assinado e selado no quarto dia da octagésima nona Lua do auspicioso Reinado de vossa Majestade.

Clefren Frelock, Marsi Frelock.

Quando esse Relatório foi lido para o Imperador, ele a mim ordenou, ainda que de modo mui delicado, que lhe entregasse diversos Itens. Primeiro pediu minha Cimitarra, a qual eu tirei, com Bainha e tudo. Nesse ínterim, ordenou que três mil de seus melhores Soldados (que o acompanhavam no momento) me cercassem a

uma certa distância, com seus Arcos e Flechas prontos para serem usados: porém não os vi, pois meus Olhos estavam inteiramente fixados em sua Majestade. Em seguida, pediu-me que desembainhasse minha Cimitarra, a qual, embora em alguns trechos estivesse enferrujada por efeito da Água do Mar, estava em sua maior parte muitíssimo reluzente. Obedeci, e de imediato todos os Soldados soltaram um Brado de Terror misturado com Surpresa; pois o Sol estava de fora, e o Reflexo ofuscou suas Vistas enquanto eu brandia a Cimitarra de um lado para o outro. Sua Majestade, que é um Príncipe deveras magnânimo, ficou menos intimidado do que eu poderia imaginar; ordenou que eu a recolocasse na Bainha e a pusesse no Chão do modo mais delicado possível, a uma distância de cerca de seis pés da extremidade de minha Corrente. Em seguida exigiu que eu entregasse um dos Pilares de Ferro ocos, referindo-se às minhas Pistolas de Bolso. Obedeci e, atendendo a seu pedido, da melhor maneira que pude fazê-lo, expliquei-lhe como utilizá-la; e carregando-a apenas com Pólvora, que por estar fechada minha Bolsa por acaso não havia ficado molhada com Água do Mar (uma Providência que todos os Marinheiros prudentes devem ter o cuidado de tomar), primeiro disse ao Imperador que não tivesse medo, e depois disparei para o alto. O Espanto causado foi muito maior do que o proporcionado por minha Cimitarra. Centenas de Homens caíram como se tivessem sido abatidos e até mesmo o Imperador, embora permanecesse em pé, passou algum tempo sem conseguir recuperar-se. Entreguei minhas duas Pistolas da mesma maneira, tal como fizera com minha Cimitarra, e depois o Polvorinho e as Balas, insistindo que estas deveriam ser mantidas longe do Fogo, pois a menor Faísca poderia fazê-las estourar, e o Paço imperial iria pelos Ares. Do mesmo modo entreguei meu Relógio, que o Imperador tinha muita curiosidade em ver, e ele mandou que dois de seus Guardas mais al-

tos o transportassem pendurado numa vara apoiada nos ombros, tal como na Inglaterra se carregam os Barris de Cerveja. O Imperador ficou impressionado com o Ruído constante que ele produzia, e também com o Movimento do Ponteiro dos Minutos, que ele pôde perceber com facilidade; pois a Visão deles é muito mais aguçada que a nossa: e consultou os Homens doutos que estavam à sua volta, os quais lhe deram Opiniões diversas e mui discordantes, como o Leitor pode bem imaginar sem que eu precise repeti-las, embora eu não pudesse compreendê-las muito bem. Então entreguei minhas Moedas de Prata e de Cobre, minha Bolsa com nove Pedacos grandes de Ouro e alguns menores, minha Faca e minha Navalha, meu Pente e minha Caixa de Rapé de Prata, meu Lenço e meu Diário. Minha Cimitarra, minhas Pistolas e meu Polvorinho foram levados em Carroças até os Armazéns de sua Majestade, mas meus outros Pertences me foram devolvidos.

Tinha eu, como já foi dito, um Bolso secreto que escapou da Busca, no qual havia um par de Óculos (que uso às vezes para compensar a fraqueza da Vista), uma Luneta de Bolso e algumas outras pequenas Utilidades; as quais, não tendo interesse para o Imperador, não julguei que a Honra me obrigasse a entregar, e eu temia que elas se perdessem ou estragassem se não as conservasse em minha Posse.

III

O Autor proporciona uma Diversão mui incomum ao Imperador e aos Nobres de ambos os sexos. Descrição das Diversões da Corte de Lilipute. O Autor obtém sua Liberdade sob certas Condições.

Minha Afabilidade e meu bom Comportamento haviam impressionado de tal modo o Imperador e sua Corte, e até